

Peculiaridades Demográficas da População Infanto-Juvenil, em Séries Históricas: Observações para o Município Manacapuru, Amazonas

RÚBIA SILENE ALEGRE FERREIRA

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

QUEZIA CORREA DE OLIVEIRA SAMPAIO

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

ÍISIS KARINNE MONTEIRO DE LIMA

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

RAQUEL SALES CORRÊA

Faculdade Metropolitana de Manaus – Fametro

GEIZA ELEM SOUZA DE MATOS

Centro Universitário do Norte - Uninorte

MARIA INALVA AUGUSTA SILVA

Secretaria Municipal de Educação -SEMED

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar peculiaridades relacionadas à população infanto-juvenil do município de Manacapuru, por meio de séries históricas. Em um primeiro momento faz-se a demonstração da evolução da população no período de 1970 a 2020. Num segundo momento, mostra-se o quantitativo de nascidos vivos levando-se em consideração o grau de instrução da mãe, seguindo para as observações com foco em nascidos vivos por cor/raça. Os dados são extraídos dos Censos Demográficos e Estimativa populacional (IBGE), bem como do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Datasus (SIM/Datasus). Os resultados mostram que a população que em 1970 margeava os 45.000 indivíduos, dobra praticamente para o ano de 2020, num total de 98.502 pessoas e que o declínio da fecundidade também se fez presente neste município. Os nascidos vivos de mães com escolaridade baixa, são menores a cada período e as mães com ensino médio aumentam. As mães com escolaridade elevada têm menos filhos à medida que o tempo de eleva. Os pardos são maioria e os brancos ocupam a segunda posição,

seguidos de baixa participação dos pretos, amarelos e indígenas, no município de Manacapuru.

Palavras-chave: Demografia; Infanto-juvenil, Manacapuru.

Abstract:

This research aims to present peculiarities related to the juvenile population of the city of Manacapuru, through historical series. At first, the population evolution in the period from 1970 to 2020 is demonstrated. In a second moment, the number of live births is shown, taking into account the mother's level of education, followed by focused observations, in live births by color/race. Data are taken from the Demographic Census and Population Estimates (IBGE) as well as from the Datasus Mortality Information System (SIM/Datasus). The results show that the population that in 1970 was around 45,000 individuals, practically doubles for the year 2020, totaling 98,502 people and that the decline in fertility was also present in this municipality. Live births to mothers with low education are smaller each period and mothers with high school education increase. Highly educated mothers have fewer children as time increases. Browns are the majority and whites occupy the second position, followed by a low participation of blacks, yellows and indigenous people, in the municipality of Manacapuru.

Key-words: Demography; Children and Youth, Manacapuru.

INTRODUÇÃO

A demografia é o estudo da população. Segundo Borges e Nepomuceno (2020), é uma ciência primordialmente empírica e dedica cuidadosa atenção a questões sobre medição, disponibilidade e qualidade dos dados, a fim de estudar processos no nível populacional agregado. Demógrafos sempre foram profundamente sensíveis ao fato de que números absolutos são afetados pelo tamanho e taxas brutas são influenciadas pela composição da população. A forma como os

indivíduos são distribuídos por idade, sexo, nível educacional e outras características afeta as medidas brutas.

A singularidade da condição juvenil é dada pelo que se vive nesse momento da vida, numa dada conjuntura histórica. No período histórico atual, trata-se de uma longa transição da infância para a idade adulta, caracterizada por um intenso processo de definições, escolhas e arranjos para a construção de uma trajetória de inserção e autonomia. Cada vez mais, os elementos necessários para realizar esse processo de transição se multiplicam e se diversificam, fazendo com que os jovens tenham de compor uma equação com inúmeros elementos para viver a vida presente e preparar a vida futura: escola, trabalho, vida familiar e sociabilidade, sexualidade, namoro, lazer, vida cultural. É, assim, um momento crucial de formulação de projetos de vida, de escolhas e construção de caminhos. Ademais, é preciso ressaltar que, hoje, mais que em períodos passados, tais percursos não são necessariamente lineares nem compostos por etapas sucessivas e ordenadas, mas muitas vezes concomitantes e reversíveis, (ABRAMO, 2016).

A presente pesquisa tem por objetivo fazer uma demonstração de dadas variáveis relacionadas à população infantil e jovem de Manacapuru, por meio de séries históricas. Pesquisas desta natureza mostram-se relevante à medida que podem sinalizar quais são as melhorias e quais seriam as implicações que ainda carecem de uma cobertura mais detida.

Assim, tem-se a seguinte estruturação: na sequência a esta introdução faz-se um breve quadro teórico do tema abordado. Na terceira seção fala-se a respeito do percurso metodológico escolhido para tal abordagem, bem como da extração dos dados e instituições fomentadoras destes. Na seção seguinte, demonstra-se a discussão dos resultados obtidos na pesquisa e por fim, se tece as considerações finais.

QUADRO TEÓRICO

Vários são os estudos que demonstram a relação da mortalidade infantil com as condições de nascimento. Neste sentido, conhecer essas condições, em determinado período e local, é imprescindível para

planejar as ações da área de materno-infantil. Contar com boas estatísticas contribui para a melhoria da saúde das populações e divulgá-las favorece o controle social das ações implantadas. O coeficiente de mortalidade infantil é um dos indicadores mais sujeitos a distorções. Dentre estas, salientam-se: o sub-registro de óbitos e o de nascimentos, a definição de nascido vivo no ano, as declarações erradas da causa de morte e da idade da criança no prisma de Almeida Filho e Rouquayro (1990) e Maia (1997).

Baseando em experiências internacionais e nacionais, mostrando que os registros hospitalares constituem-se na principal fonte de obtenção de dados sobre os nascidos vivos, é que o Grupo de Estatísticas Vitais do Ministério da Saúde considerou prioritária a implantação de um sistema nacional, relativo aos nascidos vivos, de acordo com Melo Jorge et al (1992) e Maia (1997).

O Subsistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) segundo Maia (1997), objetiva não somente levantar o número real dos nascidos vivos, mas também, variáveis importantes para analisar as condições de nascimento, como: peso ao nascer, duração da gestação, grau de instrução e idade da mãe, índice de Apgar no primeiro e quinto minuto, número de consultas durante o pré-natal e tipo de parto.

Visando dar garantias à população desde sua infância, o direito à educação preconizado na Constituição Federal de 1988 passa pela igualdade de oportunidades educacionais no que se refere ao acesso à escola, à permanência, à conclusão das etapas educativas e à aprendizagem. A conquista dessa igualdade de oportunidades depende, por sua vez, da orquestração de estratégias políticas acionadas por diferentes instâncias que vão além da atuação específica da educação escolar, pois, nenhuma escola ou sistema educacional consegue, isoladamente, produzir uma sociedade justa (DUBET, 2004; REBELO et al 2021).

Após a popularização do acesso ao ensino fundamental, ocorrida na segunda metade do século passado, e ao lado de políticas de correção de fluxo escolar, o Brasil assistiu, nas últimas décadas, a uma intensa ampliação das matrículas no ensino médio e, apesar de todas as limitações, também no ensino superior. O aumento da quantidade de anos de estudo entre as novas gerações faz com que os

jovens de hoje constituam a geração mais escolarizada da história do país. Esse é, certamente, um dos traços marcantes da condição juvenil no país, constituindo um dos elementos centrais do contexto no qual se desenvolvem as relações entre jovens e a educação, conforme (SPOSITO, 2005; RIBEIRO, 2011; IPEA, 2010; FREITAS, 2016.)

A observação de que as relações que os jovens estabelecem com a educação escolar não são homogêneas, mas sim variadas e matizadas, distribuindo-se num espectro que vai de uma forte adesão a um grande desinteresse, ou mesmo uma forte rejeição, indica que as políticas educacionais de caráter universal se mostram insuficientes para promover equidade de acesso e permanência na escola. São necessárias iniciativas variadas, que levem em conta as questões e demandas de grupos específicos – o que requer esforços tanto para produção de novos conhecimentos como para a criação e valorização das práticas políticas que envolvem o diálogo com os sujeitos jovens, na análise de Freitas (2016).

O estudo da fecundidade envolve uma complexa rede de fatores entremeados que determinam suas variações no tempo e espaço. A taxa de fecundidade total (TFT) permeia transformações na configuração da estrutura etária. Essa complexidade de fatores levou a generalizações para construção dos motivos que conduziram à Transição Demográfica, cuja mudança de altos para baixos níveis de fecundidade ocorreu simultaneamente ao aumento do desenvolvimento econômico em várias partes do mundo.

Vários autores se debruçaram a explicar os possíveis motivos relacionados a tais mudanças. Burh (1996), por exemplo, aponta que fatores estruturais econômicos conduziram à queda da fecundidade e que os fatores culturais conduziram às variações na evolução da fecundidade, indicando a não exclusão entre ambos os fatores. Lesthaeghe (1997), por outro lado, acredita que a socialização e a mudança nos significados para o indivíduo, com mudanças nos seus aspectos comportamentais ao longo do tempo, como a perda da influência religiosa sobre o papel da mulher apenas como procriadora e trabalhadora doméstica, descreva as mudanças na formação das famílias.

Nesse contexto, embora a literatura aponte possíveis explicações para o declínio da fecundidade, a exemplo da educação da

mãe, segundo Poiatti (2020), não se pode estabelecer uma relação de causalidade entre nível educacional da mãe e nível de fecundidade. No entanto, a partir de uma modelagem econométrica para verificar os fatores determinantes da fecundidade, a autora chama a atenção para o fato de que o aumento da educação da mãe ocasiona um impacto na redução da fecundidade, constituindo a principal variável explicativa da fecundidade no modelo que levou em conta os fatores componentes do IDH: educação, saúde e renda.

PERCURSO METODOLÓGICO

A área de estudo

O estado do Amazonas é formado por 62 municípios, oito formam a Região Metropolitana de Manaus, sendo Manacapuru, um destes. O município possui uma área territorial de 7.336,579 km², equivalentes a 733.657,9 ha. Os municípios limítrofes são: Iranduba e Novo Airão, ao norte; a oeste situam-se Caapiranga e Anamá; com Manaquiri a leste e ao sul; e a sudoeste limita-se com o município de Beruri, (IBGE, 2017; FERREIRA JÚNIOR, 2019). Os dados a respeito da evolução populacional são apresentados na seção discussão dos resultados.

Os dados

Os dados utilizados neste estudo, são originários de dois importantes banco de dados: o primeiro deles é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC / DATASUS), o banco de dados do Ministério da Saúde que computa dados referentes a todas as movimentações de demandas e ofertas capitaneadas pelo serviço de saúde do Governo.

Neste estudo, trabalha-se em série histórica. As séries históricas tentam demonstrar o panorama na linha do tempo para o município de Manacapuru. No primeiro momento, faz-se a exposição dos dados populacionais para o município, do período de 1970 a 2020, com base nos dados do IBGE, tanto para a população total, quanto para os grupos etários.

Num segundo momento, os dados são de origem do Datasus. Dados referentes aos nascidos vivos considerando a escolaridade das mães (1999 a 2019) e dos nascidos vivos por cor/raça (1996 a 2019).

Enquanto abordagem esta pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, que segundo Mezzaroba e Monteiro (2009) a primeira é uma propriedade de ideias, coisas e pessoas que permitem que sejam diferenciadas entre si de acordo com suas naturezas. A pesquisa qualitativa não vai medir seus dados, mas, antes, procurar identificar suas naturezas. O objeto da pesquisa vai ser tratado de forma radicalmente diferente da modalidade anterior de investigação. No caso da segunda, faz a descrição rigorosa das informações obtidas é condição vital para uma pesquisa que se pretenda quantitativa.

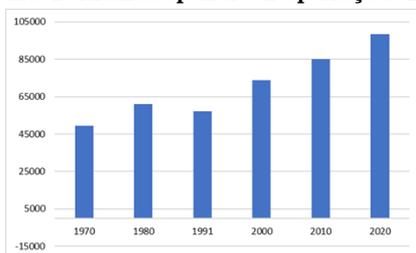
Para Günther (2006), o fato de qualificar experimento e avaliação com o adjetivo "qualitativo" reforça a constatação de que estes procedimentos, além da interpretação tradicional da pesquisa quantitativa, podem incluir uma abordagem qualitativa.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir desta seção faz-se a demonstração temporal, proposta nesta pesquisa, no sentido de destacar as peculiaridades demográficas do município de Manacapuru. Assim, na primeira seção, mostra-se o que se obteve por meio dos dados do IBGE, relacionado ao crescimento populacional do município com base nos Censos Demográficos de 1970 a 2010, bem como nas estimativas populacionais de 2020, uma vez que neste último, não se deu a realização do Censo, que decenalmente espera-se que ocorra.

Conforme mostrado na figura 1, o crescimento populacional do município ocorre de forma crescente. No ano de 1970, o quantitativo era ligeiramente maior que 45.000 habitantes, elevando-se em 1980, sendo reduzida em 1991, mantendo-se no entanto em volume maior que a primeira década observada. A partir do ano 2000, se percebe a manutenção do crescimento, chegando a quase dobrar em 2020, quando se compara com 1970.

Figura 1: Manacapuru – População Total



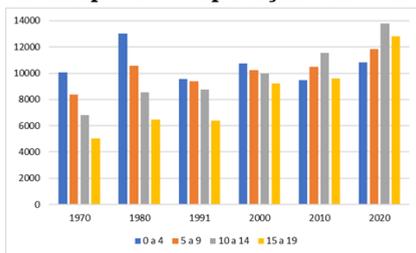
Fonte: IBGE – Censos Demográficos e Estimativa Populacional de 2020.

Os dados da figura 2, fazem menção à população jovem, considerando-se quatro grupos etários: 0 a 4 anos; 5 a 9 anos; 10 a 14 anos e 15 a 19. Nota-se que para as duas primeiras décadas (1970 e 1980), o grupo etário de 0 a 4 anos é expresso em maior volume, principalmente em 1980. De 1991 em diante, percebe-se ligeira redução de nascimento no grupo em questão de forma oscilada entre picos e vales.

O segundo grupo (5 a 9 anos) de igual modo apresenta comportamento de oscilação década após década, quando a partir de 2010, toma posição em volume maior que o grupo etário de 0 a 4 ano, mantendo-se assim, até o último período em observação.

O grupo etário de 10 a 14 anos é um dos grupos que se destaca em quantitativos maiores, com tendencias de crescimento, sobretudo a partir de 1991, encerrando a linha de tempo em observação em maior volume. Isso em larga medida é resultado da redução da fecundidade percebida, com redução de número de filhos por mulher (BURCH, 1996), que se manifesta mundialmente, alcançando as sociedades e modificando a estrutura etária da população.

Figura 2 : Manacapuru – População na infância e jovem



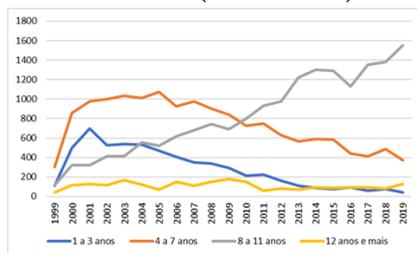
Fonte: IBGE – Censos Demográficos e Estimativa Populacional de 2020.

O último grupo em observação (15 a 19 anos) já faz menção aos adolescentes e jovens. Conforme se observa, para o período, é o grupo etário determinantemente maior. Isso se justifica, novamente, dentre outros fatores, por conta da redução da mortalidade infantil, que se atuou como uma atenuante das perdas que se intensificaram por décadas, que segundo Ferreira (2014), a redução da mortalidade em termos representativos mostra-se na questão de óbitos infantis e na gravidez. Várias foram as causas no passado onde a ciência ainda caminhando em passos apertados não conseguia contribuir para uma diminuição proporcionalmente próxima dos óbitos que acometiam as gestantes e os bebês desde o primeiro dia de vida. Uma das ferramentas aliadas para a obtenção do resultado desta redução consiste no fato da disseminação das vacinas. A imunização aufere a possibilidade de proteção imunológica contra uma doença infecciosa. Atua no sentido de aumentar a resistência das pessoas contra infecções.

Na figura 3, tem-se a demonstração temporal por meio da instrução da mãe. Algumas tendências se mostram efetivamente relacionadas a essa observação. Os grupos são: com escolaridade de 1 a 3 anos; 4 a 7 anos; 8 a 11 anos e por último, com mais de 12 anos de estudo. Sabe-se que a educação produz resultados que se expandem para diversas áreas da vida das pessoas e que alcançam muitos ao redor.

Assim, observando-se os dados relacionados ao número de nascidos vivos e da escolaridade das mães, interessa fazer algumas observações: os nascidos vivos de mães com 1 a 3 anos de estudos apresenta picos nos anos 2000, 2001 e 2002 seguindo uma tendência de decréscimo a partir de 2004, reduzindo-se significativamente até o final da série histórica. O fato não quer dizer necessariamente que as mães com pouca escolaridade passaram a ter menos filhos, mas que possivelmente a expansão da cobertura da educação mostra que há menos mulheres com baixa escolaridade à medida que o tempo se estende.

Figura 3: Manacapuru – nascidos vivos considerando a escolaridade das mães (1999 a 2019)

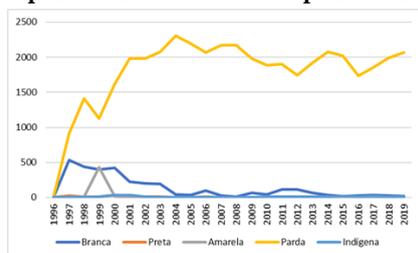


Fonte: SIM/Datasus

Nesse sentido, Rosa et al (2015) apontam que a educação e a qualidade do ensino foi conformada como um direito, o que aponta, necessariamente, para elementos democráticos na organização política e pedagógica da educação nacional, que aduz formas para a sua realização. A partir da Constituição de 1988, as políticas buscaram resguardar a educação como direito, e, nesse sentido, houve uma expansão considerável da educação básica no Brasil, tendo a taxa de atendimento a esse nível de ensino chegado a 97% no final dos anos 1990.

Para as demais modalidades de anos de estudo, nota-se ainda que, embora em volume maior de nascidos vivos de mães com escolaridade de 4 a 7 anos, a partir de 2013, há relativa redução de crianças com genitoras do grau de instrução baixo e que em movimento inversamente proporcional, a escolaridade com 8 a 11 anos de estudos, eleva-se consideravelmente, representando os maiores volumes de mulheres nesta condição. É a escolaridade que diz respeito ao ensino médio. De outro modo, as mulheres com grau de instrução acima de 12 anos, o que compreende o acesso ao ensino superior, sistematicamente são aquelas que geram menos filhos, o que se percebe em todos 20 anos estudados neste quesito. De acordo com Longo e Vieira (2017), a associação entre a escolaridade da mãe e a condição de vida dos filhos também pode se refletir no nível de escolaridade que eles alcançam. Isso reforça o bem estar da educação em forma de causa e efeito.

Figura 4: Manacapuru – nascidos vivos por cor/raça (1999 a 2019)



Fonte: SIM/Datasus

Na figura de número 4, observamos os dados relacionados ao nascidos vivos no município de Manacapuru, considerando-se a questão de cor/raça. O termo raça dialoga primeiramente com a variabilidade dos seres humanos em termos físicos. Ou seja, a base dessa compreensão reside no fato de que os seres humanos possuem uma grande variabilidade de tipos em termos de suas respectivas aparências, especialmente quando leva-se em consideração o grau de intensidade da pigmentação de suas peles, os tipos faciais, as cores dos olhos, o formato dos cabelos e, em alguns casos, a forma corporal (altura, peso, tipo corpóreo). Aqui vale salientar que também estamos entendendo a ampla pluralidade de tipos intermediários, fruto dos distintos intercursos que vieram ocorrendo de modo pacífico ou violento ao longo da história dos distintos povos, (PAIXÃO e CARVANO, 2008).

Conforme se observa, os nascidos vivos por cor/raça são bastante diversificados. Indígenas, pretos e amarelos, têm participação pequena nos 23 anos de estudo. Um pico se manifesta no período de 1999 para a cor/raça amarela, mostrando-se de forma discreta para os demais períodos. Os nascidos vivos brancos, são volumosos no período de 1996 a 2000, quando a tendência declina e atenua-se até o final do período em observação. Nota-se que primordialmente, as crianças são eminentemente pardas, em sua maioria, crescente e ascendente em todo o período do estudos. Os dados podem ser vistos na seção apêndice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou fazer uma demonstração de variáveis demográficas relacionadas à população infanto-juvenil do município de Manacapuru por meio de séries históricas. Isto feito, com o intuito de perceber os quadros que podem ser percebidos no decorrer destas linhas de tempo.

Primeiramente, se fez uma apresentação da evolução populacional total do município com base nos dados dos Censos Demográficos do IBGE e da Estimativa populacional de 2020. Assim, notou-se que a população que em 1970 margeava os 45.000 habitantes, dobra praticamente para o ano de 2020, num total de 98.502 pessoas. Arelado a isso fez-se esta verificação para quatro grupos de idades: 0 a 4 anos; 5 a 9; 10 a 14 e 15 a 19 anos. Percebeu-se que o declínio da fecundidade também se fez presente neste município, confirmando a sistemática redução de nascimentos manutenção nos demais grupos, como confirmação da redução da mortalidade infantil.

No quesito nascidos vivos por escolaridade das mães, verificou-se no grupo de estudos com 1 a 3 anos de instrução, ocorreu considerável queda, bem como no grupo de 4 a 7 anos (que dizem respeito ao ensino fundamental). A expansão da cobertura da educação (não necessariamente da qualidade), bem como de programas voltados para a população jovem e adulta, pode ter relação com esse resultado, pois para a escolaridade de 8 a 11 anos de estudos, nota-se que se dá um aumento significativo de crianças nascidas de mães deste segmento etário. Para as mães com escolaridade acima de 12 anos de estudos, em todo o período observado, percebe-se pequena participação, corroborando que o elevado grau de estudos tem relação com menor número de filhos.

No último quesito estudado, constatou-se que os nascidos vivos por cor/raça, concentram significativa participação de pardos, o que conforme o IBGE (2013), é a cor da maioria da população brasileira, dado à sua miscigenação. Os brancos ocupam a segunda posição, seguidos de baixa participação de pretos, amarelos e indígenas, no município de Manacapuru.

Para trabalhos futuros, pode-se desenvolver pesquisas que investiguem a efetividade de uma destas variáveis estudadas no sentido de perceber em que medida apresentam relação com os índices

que mensuram elevação da qualidade de vida, como o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

REFERENCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. In: NOVAES, Regina et al. *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 19-60.
- ALMEIDA FILHO, N. & ROUQUAYROL, M.Z. *Introdução à epidemiologia moderna*. Rio de Janeiro, ABRASCO, 1990. p. 67-87: Indicadores epidemiológicos. II - Mortalidade.
- BORGES, Gabriel Mendes e NEPOMUCENO, Marília R.A contribuição da demografia para os estudos de mortalidade em tempos de pandemia . *Revista Brasileira de Estudos de População* [online]. 2020, v. 37
- Burch, T. K. (1996). Icons, strawmen and precision: reflections on demographic theories of fertility decline. **The Sociological Quarterly**, 37: 59-81.
- DUS POIATTI, N. Escolaridade feminina e a sua importância na escolha voluntária da fecundidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação Araraquara*, v. 15, n. 4, p. 1786-1798, out./dez. 2020. e-ISSN: 1982-5587.
- FERREIRA JÚNIOR, João Carlos. *Limnologia e sensoriamento remoto: qualidade da água do Rio Miriti (Manacapuru/AM) e contribuição para a gestão dos recursos hídricos*. 2019, 199 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos - PROFÁGUA) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019.
- FERREIRA, Rúbia Silene Alegre Ferreira. *A imunização como uma aliada na redução da mortalidade infantil: considerações acerca dos gastos do governo com saúde*. Congresso de pós graduação em Direito – Conpedi. Florianópolis, Santa Catarina, 2014.
- FREITAS, maria virginia de. *Jovens e escola: aproximações e distanciamentos*. In: Pinheiro, et al. **AGENDA JUVENTUDE BRASIL leituras sobre uma década de mudanças**. UniRio, 2016.
- GÜNTHER, Hartmut. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão ?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* , 22 (2), 201-209.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. IBGE, 2013.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Áreas dos municípios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- IPEA. *PNAD 2009 – Primeiras análises: Situação da educação brasileira – avanços e problemas*. Comunicados do IPEA, nº 66. Brasília: Ipea, 2010.
- Lesthaeghe, R. (1997). Imre Lakato's views on theory development: applications to the field of fertility theories. Paper presented at the **1997 Annual Meeting of the Population Association of America**, Washington DC, March 27-29.

Rúbia Silene Alegre Ferreira, Quezia Correa de Oliveira Sampaio, Ísis Karinne Monteiro de Lima, Raquel Sales Corrêa, Geiza Elem Souza de Matos, Maria Inalva Augusta Silva– **Peculiaridades Demográficas da População Infanto-Juvenil, em Séries Históricas: Observações para o Município Manacapuru, Amazonas**

LONGO, Flávia; VIEIRA, Joice Melo. Educação de mãe para filho: fatores associados à mobilidade educacional no Brasil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, n.º. 141, p.1051-1071, out.-dez., 2017.

MAIA, Maria A. C. Caracterização dos nascidos vivos hospitalares no primeiro ano de implantação do Subsistema de Informação sobre Nascidos Vivos, em município de Minas Gerais, Brasil, 1996. *Rev. Saúde Pública*, 31 (6): 581-5, 1997

MELLO JORGE, M. H. P. et al. Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos - SINASC. *Inf. Epidemiol. SUS*, 4: 15-6, 1992.

MEZZAROBIA, O.; MONTEIRO, C. S. (2009). *Manual de metodologia da pesquisa no direito*. São Paulo: Saraiva. 344 p.

PAIXÃO, M., and CARVANO, LM. Censo e demografia: a variável cor ou raça nos interior dos sistemas censitários brasileiros. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. *Raça: novas perspectivas antropológicas* [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 25-61.

REBELO, Aline Helena. A educação infantil, os direitos a conhecimentos, desigualdades e avaliação: uma reflexão sobre o alcance da qualidade. *SciELO Preprints*: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2047>, 2016.

RIBEIRO A., Eliane. Políticas públicas de educação e juventude: avanços, desafios e perspectivas. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virginia (Orgs.). *Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Peirópolis/ Ação Educativa/Friedrich Ebert Stiftung, 2011. p. 25-44.

ROSA, Chaiane de Medeiros, et al. Expansão, democratização e a qualidade da educação básica no Brasil. *Póiesis Pedagógica*, Catalão-GO, v.13, n.1, p. 162-179, jan/jun. 2015.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: A BRANCO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

URPIA, AMO., SAMPAIO, SMR. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.

APÊNDICES

a) Manacapuru - População Residente

1970	1980	1991	2000	2010	2020
49469	61018	57173	73695	85141	98502

Fonte: IBGE – Censos Demográficos e Estimativa populacional 2020

b) Manacapuru - População Residente

Ano	Grupo de idade				
	Total	0 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19
1970	49469	10084	8385	6828	5050
1980	61018	13009	10589	8555	6474
1991	57173	9538	9383	8763	6367
2000	73695	10722	10234	9985	9211
2010	85141	9470	10502	11531	9590

Fonte: IBGE – Censos Demográficos e Estimativa populacional 2020

c) Nascidos vivos conforme a escolaridade da mãe

Instrução da mãe	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
1 a 3 anos	109	499	697	526	538	530	469	405	347	337	292
4 a 7 anos	304	857	979	997	1036	1012	1072	926	978	903	837
8 a 11 anos	119	319	321	411	413	555	521	618	678	740	690
12 anos e mais	41	119	130	119	166	122	72	148	110	148	180
Instrução da mãe	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
1 a 3 anos	292	213	227	161	112	89	78	96	62	78	44
4 a 7 anos	837	727	748	628	565	590	583	441	410	487	370
8 a 11 anos	690	801	931	976	1220	1303	1288	1132	1352	1379	1554
12 anos e mais	180	152	60	80	71	96	87	94	95	82	125

Fonte: Sinasc / Datasus

d) Nascidos vivos conforme por cor/raça

Cor/raça	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Branca	3	533	441	400	422	222	201	193	46	34	98	24
Preta	2	23	14	10	32	12	13	14	2	3	8	3
Amarela	1	12	10	429	19	4	1	1	3	-	2	-
Parda	9	914	1411	1125	1614	1980	1978	2073	2307	2198	2067	2168
Indígena	1	5	1	9	35	38	10	4	-	1	4	2
Cor/raça	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Branca	15	64	46	114	114	66	33	19	28	32	25	22
Preta	2	-	3	9	5	-	1	-	4	5	9	4
Amarela	-	3	1	-	1	1	-	2	-	-	-	1
Parda	2172	1981	1888	1904	1744	1917	2075	2023	1734	1856	1991	2072
Indígena	1	6	9	9	15	11	10	16	10	17	12	14

Fonte: Sinasc / Datasus